A CONSCIÊNCIA HÍDRICA ESTÁ À FLOR DA PELE

JULIO CESAR P. PALHARES
PESQUISADOR DA EMBRAPA PECUÁRIA SUDESTE

POR PAULO ROQUE

Zootecnista, com Mestrado em Agronomia e Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental, Julio Cesar P. Palhares também é presidente da Sociedade Brasileira dos Especialistas em Resíduos das Produções Agropecuária e Agroindustrial (Sbera). À ***Agroanalysis*** fala sobre a crise hídrica e chama a atenção da agropecuária para a questão ao afirmar que: "podemos concluir que a produção de alimentos é intensiva no uso da água, tendo assim o dever de prezar pelo uso eficiente deste recurso natural".



AGROANALYSIS: ESSA QUESTÃO DA ABUNDÂNCIA DA ÁGUA NO BRASIL É UM MITO?

JULIO CESAR PALHARES: No consciente dos brasileiros, vivemos em um país rico em água, e isso nos leva a ter uma cultura de abundância e um uso perdulário do recurso. Detemos 13% da água doce superficial do mundo, mas a distribuição é desigual, pois 81% estão concentrados na Região Hidrográfica Amazônica. Nas regiões hidrográficas banhadas pelo Oceano Atlântico, estão disponíveis apenas 2,7% dos recursos hídricos. Enfim, temos água em abundância, mas distribuída de forma desigual, e, então, se não praticarmos a gestão, situações de conflito e de escassez serão cada vez mais comuns em nosso País. Alguns atores agropecuários insistem em dizer que ninguém mais do que o produtor rural sabe a importância que o meio ambiente e a água têm para ele. Se isso fosse uma verdade de fato, não estaríamos discutindo o tema. Se tudo estivesse certo, ou seja, se estivéssemos produzindo alimento com conservação da água em quantidade e qualidade, o recurso não seria objeto de discussão. No momento, a consciência hídrica está à flor da pele, devido aos diversos casos de escassez no País. Mas, a história mostra que essa consciência é muito frágil, desaparecendo com as primeiras chuvas. Devemos mudar nossa atitude frente ao recurso, internalizando o manejo hídrico nas propriedades e a gestão da água. Esse é o remédio bom. O remédio ruim são a escassez hídrica, a água com custo elevado e a legislação mais restritiva.

> “...O MEIO AMBIENTE TEM QUE SER PARTE DA TOMADA DE DECISÃO DE PRODUTORES, AGROINDÚSTRIAS E CONSUMIDORES.”

ESTUDOS DA FAO E OUTROS ESTUDOS APONTAM QUE A AGROPECUÁRIA CONSOME 70% DA ÁGUA NO MUNDO.

JCP: Aqui, vale diferenciar água captada de água consumida. A captada refere-se ao total do recurso que retiramos de rios, lagos, poços etc.; a consumida é a efetivamente utilizada. Portanto, capta-se muito mais do que se consome. Isso vale para agropecuária e para qualquer outra atividade humana. Há estudos que mostrarão números acima ou abaixo do valor de 70%, pois as metodologias para se calcular isso diferem. O fato é que, sim, a agropecuária é a grande atividade consumidora de água no Planeta. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a maior parte da água é consumida pela agropecuária; em países desenvolvidos, a maior parte é utilizada pelos setores industrial e de serviços. Em vista dos números, podemos concluir que a produção de alimentos é intensiva no uso da água, tendo assim o dever de prezar pelo uso eficiente deste recurso natural.

COMO O CICLO HIDROLÓGICO ENTRA NESSA QUESTÃO?

JCP: Nos cálculos, as dimensões do ciclo são consideradas, mas a água consumida pela agricultura não significa o total de chuva que determinada área com determinada cultura recebeu. Os números somente consideram a água consumida pela irrigação das culturas, aquela retirada e consumida de fontes superficiais e subterrâneas. E, no Brasil, assim como na maior parte dos países, a irrigação é considerada um uso consuntivo da água, ou seja, parte da água captada não retorna ao seu curso original, havendo redução efetiva da disponibilidade do manancial, e a água que retorna tem qualidade inferior à da que foi captada, e sua diluição afeta a qualidade de todo o corpo d'água.

A ÁGUA É ELEMENTO ESSENCIAL E NÃO PODE FICAR FORA DA SEGURANÇA AMBIENTAL?

JCP: Sim. Sem água não existe segurança ambiental. A falta de água em quantidade e com qualidade fragiliza-nos ambientalmente. Hoje, apesar dos problemas de escassez, nossa situação hídrica é uma vantagem competitiva que temos para produzir alimentos para nossa gente e para o mundo. Mas, não devemos esquecer que vantagens ambientais não são eternas e podem se tornar ameaças, de acordo com o uso que fazemos delas. A água, hoje abundante e barata, pode se tornar limitada e cara. Se o pior cenário vai acontecer, só depende de como entendemos a manejamos a água.

A COMPETIÇÃO PELA ÁGUA DÁ-SE NA AGROPECUÁRIA E NOS OUTROS USOS?

> “...SE ESTIVÉSSEMOS PRODUZINDO ALIMENTO COM CONSERVAÇÃO DA ÁGUA EM QUANTIDADE E QUALIDADE, O RECURSO NÃO SERIA OBJETO DE DISCUSSÃO.”

JCP: A competição pela água está relacionada à situação em que a demanda é maior do que a oferta. Quando isso ocorre, temos um ambiente de conflito pelo uso. Cabe a nós trabalharmos para que isso não ocorra, e a melhor forma de fazermos isso é promovendo a gestão da água, seja na propriedade rural, seja na unidade hidrográfica. Para isso, dispomos dos instrumentos de gestão previstos nas legislações, bem como de conhecimentos e tecnologias que devem ser utilizados para esse fim. Internalizando a gestão hídrica, reduziremos os conflitos e seremos mais eficientes em transformar água em alimentos.

COMO VOCÊ ENXERGA O MANEJO DO RECURSO PELA AGROPECUÁRIA? O MANEJO HÍDRICO PODE SER APONTADO COMO UM GARGALO DA ATIVIDADE, TANTO NAS PROPRIEDADES RURAIS, COMO NAS AGROINDÚSTRIAS?

JCP: O manejo da água ainda é pouco praticado pela agropecuária brasileira. A justificativa para isso é que ainda não internalizamos o manejo hídrico em nossas produções. Manejo hídrico é definido como o uso cotidiano de conhecimentos e práticas que garantam a oferta de água em quantidade e com qualidade. No caso das produções animais, entendemos a água somente como um insumo produtivo – o que é um erro. Além de insumo, a água tem outras duas dimensões: alimento e recurso natural. Enquanto não entendermos e manejarmos essas três dimensões, continuaremos a manejar o recurso de forma pouco conservacionista, ameaçando a segurança hídrica das regiões e aumentando os conflitos entre a agropecuária e a sociedade. O manejo hídrico nas agroindústrias está mais evoluído. Por um lado, devido ao uso da água na agroindústria representar custo, quanto mais eficiente o uso, menor o custo de produção; e, por outro, as agroindústrias pleiteiam certificações ambientais que englobam o uso eficiente da água. Trata-se de outra razão para o setor agroindustrial estar mais evoluído e para que suas plantas de produção estejam, nas áreas urbanas, mais suscetíveis à pressão social, o que faz com que o setor busque conhecimentos e tecnologias para demonstrar sua responsabilidade hídrica.

A PEGADA HÍDRICA PASSA SER UMA NOVA ORDEM DE COBRANÇA NA AGROPECUÁRIA?

JCP: O cálculo da pegada é uma metodologia científica que envolve quatro etapas: delineamento dos objetivos, cálculo da pegada, análise de sustentabilidade e proposição de ações mitigatórias. O mais importante é o setor agropecuário brasileiro dispor de valores de pegada que reflitam as nossas realidades produtivas. Não diria que a pegada será uma nova ordem. Ela é uma ferramenta que nos auxilia a conhecer e

entender as relações hídricas. A nova ordem é a gestão da água. A pegada, bem como outras ferramentas, pode ajudar-nos a promover e praticar esta gestão.

É POSSÍVEL CONCILIAR PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E GESTÃO DAS NOSSAS ÁGUAS? É POSSÍVEL DESENVOLVER ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS SEM AGREDIR O MEIO AMBIENTE?

JCP: Sim. É possível, mas, para isso, temos que querer. Simplesmente achar que temos a produção agropecuária mais sustentável do Planeta não vai torná-la sustentável. Quando digo que temos que querer, significa que o meio ambiente tem que ser parte da tomada de decisão de produtores, agroindústrias e consumidores. Os consumidores têm uma posição muito cômoda, pois exigem produtos com valores ambientais e sociais, mas grande parte deles não está disposta a pagar por isso. Agroindústrias e o setor varejista exigem dos produtores rurais matérias-primas ambientalmente seguras, mas, muitas vezes, não estão dispostos a pagar por isso. Nossas decisões ainda são baseadas em um único fator, o econômico. Dispomos de muitos conhecimentos e tecnologias para utilizar a água de forma eficiente, reduzir os impactos ambientais negativos e produzir alimentos sem culpa ambiental. A baixa utilização destes conhecimentos e tecnologias tem como barreira muito mais uma questão cultural do que financeira. Precisamos mudar a visão que temos dos nossos sistemas de produção, passando pela formação de nossos profissionais agropecuários; precisamos entender que trabalhamos com fluxos de recursos naturais e insumos e que, quanto mais entendermos estes fluxos, melhores serão nossos balanços, ou seja, com o mesmo quilo de milho iremos produzir mais quilos de carne; e precisamos enxergar sistemas, e não nos limitarmos a sermos especialistas em pontos do sistema. ■

